



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Serviço social: fundamentos, formação e trabalho profissional.

Influências Conservadoras nas Estratégias e Táticas do Serviço Social

Fábio da Silva Calleia¹
Ingrid Adame Moreira²

Resumo: O trabalho expõe as raízes do pensamento conservador, especialmente pela influência Foulcaultiana e a incorporação desta nas estratégias e táticas utilizadas pelos profissionais nas políticas públicas, principalmente na área da saúde. Iniciamos com a conceituação de estratégias e táticas para posteriormente analisarmos como estas são capturadas pelo conservadorismo no Serviço Social quando da aproximação do discurso do descentramento do poder e o culto à filosofia do *empowerment*. Terminamos o artigo ressaltando a saúde como a principal área de expansão desse pensamento de autores apenas críticos em sua aparência.

Palavras-chave: Estratégias. Táticas. Serviço Social. Conservadorismo. Saúde.

Conservatives Influences on the Strategies and Tactics of Social Work

Abstract: The work exposes the roots of conservative thinking, especially by foulcaultian influence and its incorporation into the strategies and tactics used by professionals in public policies, especially in the health area. We started with the conceptualization of strategies and tactics to later analyze how these are captured by conservatism in Social Work when approaching the discourse of the descent of power and the cult of the philosophy of empowerment. We finished the article highlighting health as the main area of expansion of this thought of authors only critical in their appearance.

Keywords: Strategies. Tactics. Social Work. Conservatism. Health.

INTRODUÇÃO

Em Microfísica do poder, Foucault está interessado em atacar à marteladas todos os progressos científicos, principalmente os da medicina. Para o autor, a área criada a partir do século XVIII – os grandes hospitais – passou a estruturar uma forma de poder dada pelo saber científico e estas instituições se tornaram locais de experimentação da verdade e execução do poder. “Diz” o autor:

O hospital do século XVIII devia criar as condições para que a verdade do mal explodisse. Donde, um lugar de observação e de demonstração mas também de purificação e de prova. Constituíam uma espécie de aparelhagem complexa que devia ao mesmo tempo fazer aparecer e produzir realmente a doença. Lugar botânico para a contemplação das espécies, lugar ainda

¹ Mestre em Serviço Social e Assistente Social da política de Assistência Social de Juiz de Fora – MG.
E-mail: fabiocalleia@yahoo.com.br

² Mestre em Serviço Social e desenvolvimento regional e Assistente Social do HU/UFJF. E-mail: ingridadameuff@gmail.com

alquímico para a elaboração das substâncias patológicas.

As grandes estruturas hospitalares instauradas no século XIX tornaram para si durante muito tempo esta dupla função. E durante um século (1760-1860) a prática e a teoria da hospitalização, e de uma forma geral a concepção da doença, foram dominadas por este equívoco: o hospital, estrutura de acolhimento da doença, deve ser um espaço de conhecimento ou um lugar de prova (FOUCAULT, 2011, p.118-119).

Ao contrário de Foucault, Marx (1980), apesar de ser um pensador crítico à razão moderna, deixa claro que os avanços estabelecidos pelo modo de produção não deixam de ser avanços pelo fato de estarem alicerçados aos interesses de uma classe ou ao “poder” – para nos aproximarmos do discurso de Foucault. Em uma passagem de Teorias da mais valia essa ideia fica explícita em Marx:

com razão para seu tempo, Ricardo considera o modo capitalista de produção o mais vantajoso para a produção em geral, o mais vantajoso para a geração de riqueza. Quer a produção pela produção, e está certo. Quer sustentar, como o fizeram os adversários sentimentais de Ricardo, que a produção como tal não é o objetivo, é esquecer que a produção pela produção significa apenas desenvolvimento das forças produtivas humanas, ou seja; desenvolvimento da riqueza da natureza humana como fim em si. (MARX, 1980, p.549)

A filosofia foucaultiana anti-poder científico – que coloca em xeque a razão moderna – faz assim um duplo movimento simultâneo. O primeiro é que ao atacar a razão moderna não só ataca a sua especificidade moderna como ataca a razão em si – e por isso devemos identificar o pensamento do autor não no campo pós-moderno, como pretendem seus adeptos, e sim no irracionalismo. Assim, Foucault ao desmerecer o progresso da medicina em virtude do discurso do poder que ele exerce, não consegue estabelecer mediações que defendam os avanços científicos e apesar de parte das suas críticas “acertarem” em vieses conservadores atrelados à estes avanços alicerçados à lógica do capital, ela se torna um instrumento com finalidade destruidora a qualquer tipo de razão.

E o segundo momento – mais importante para nós – ao realizar a crítica ao poder estabelecido pela razão o autor estabelece mecanicamente um descentramento deste poder e propõe que este seja devolvido ao indivíduo (o tal do poder de fala) e é tal descentramento e filosofia que poderíamos dizer que é uma das raízes do que conhecemos como *empowerment*.

As bases desse conceito que flertam assim com o irracionalismo também

realizam uma outra importante característica: uma tendência ímpar de negação da objetividade. O *empowerment* muito presente em discursos profissionais travestidos “marxisticamente” mediado pelo discurso da garantia de direitos é um clássico no Serviço Social. Para explicar melhor: é muito comum que nesse discurso que defende a garantia de direitos para uma promoção da autonomia do indivíduo e conseqüentemente ao seu empoderamento frente ao mundo. É o auxílio “A” ou a bolsa “B” que faz a mãe solteira e pobre ter o básico; é o curso de corte e costura no CRAS que faz com que ela tenha uma renda extra e superar muitas adversidades; é o acolhimento seguido de orientações para busca de direitos na Rede que transfere o poder ao indivíduo antes tido como tutelado, louco ou carente. Agora eles têm o poder e podem andar sozinhos. Um pouco de orientação, uma pitada de direitos, três doses de acolhimento humanizado e, como em um passe de mágica, o indivíduo recebe a dádiva e o poder que outrora estava na instituição para o seu próprio corpo. E, *voilà*, eis o descentramento do poder! Alguns assistentes sociais para camuflar esse discurso Foucaultiano apresentam isso como a autonomia do usuário. Mas nas entrelinhas estamos na verdade é aniquilando com a objetividade e fortalecendo um discurso do “querer é poder”.

Tal discurso do incentivo e do “tapinha” nas costas dão início a uma verdadeira revolução! Assim, com esse discurso, muitas vezes torna-se complicado realizar a distinção entre programas televisivos como o antigo caldeirão do Huck com algumas práticas de assistentes sociais por aí afora.

No trabalho que segue veremos como no debate das estratégias e táticas, no campo da dimensão técnico-operativa do Serviço Social, o pensamento de Foucault se faz presente e também identificaremos autores do serviço social e da área de saúde que são influências importantes para os assistentes sociais – principalmente nesta área.

Desenvolvimento

1. Estratégias e Táticas em Clausewitz

Os termos estratégias e táticas possuem origem militar e são, por este motivo, trabalhados em temáticas relacionadas à guerra. Nosso debate, então, centra-se em um

grande estrategista: Carl Von Clausewitz. Mas cabe ressaltar que tanto em Sun Tzu, na *Arte da Guerra*, como também em Clausewitz, no *Princípios da Guerra*, as estratégias e táticas são elaboradas em contexto de guerra com o objetivo de alcançar e ser vitoriosos, atacar e se defender dos inimigos, invadir territórios, identificar pontos fortes e fracos nos inimigos, ações estas podemos dizer prescritivas, muito bem planejadas e desenhadas e em total desconsideração à conjuntura, ao contexto no qual se delineia uma guerra. Como se fosse possível antever um ataque ou um contra-ataque de forma tão desenhada ao ponto de poder responder a eles com total êxito com os escritos dos líderes mencionados anteriormente.

Conforme Clausewitz (2008) é por meio do domínio da teoria da guerra que encontramos reflexões acerca de todas as situações possíveis encontradas durante a guerra. Então, os líderes de guerra precisam estabelecer uma meta e persegui-la para alcançar a vitória. Clausewitz (2008) expõe que deve ser dado a cada comandante uma direção principal para sua respectiva marcha, além de apontar aos mesmos o inimigo como objetivo e a vitória como a meta que cada um deve perseguir nas batalhas. Importa destacar que para ele, cada guerra é composta por diversas batalhas.

De acordo com Clausewitz (2008), a estratégia é uma “combinação de batalhas individuais para alcançar o objetivo da campanha ou da guerra” (CLAUSEWITIZ, 2008, p. 104). Sendo assim, podemos entender que a estratégia pode ser entendida enquanto o plano a ser seguido sendo desta forma mais geral que as táticas. Para Clausewitz (2008), o elemento surpresa tem um papel mais importante no campo das estratégias do que nas táticas em si. Esse elemento, de forma bem delineada no plano estratégico tende a pegar o adversário desprevenido. Sem contar com tal elemento, o inimigo não conseguirá contra-atacar, levando, assim, à vitória na batalha.

Clausewitz (2008) reconhece que podem surgir obstáculos a serem superados durante a guerra e aponta que tais obstáculos só serão vencidos com grande aplicação dos líderes. Desta forma, observar, antever e planejar são de extrema importância para alcançar o fim almejado pelo líder e é o que define uma boa estratégia.

Em Bogo (2008), na unidade dedicada ao Clausewitz, “tática é a teoria do uso das forças armadas no reencontro. Estratégia é a teoria da utilização de reencontros para o objetivo da guerra” (BOGO, 2008, p.81). Assim, estratégia e tática muitas vezes são tomadas como sinônimos. Entretanto, há diferenças entre elas. As estratégias se

relacionam aos planos para que os combates aconteçam. As táticas são o modo como os combates vão acontecer: vamos utilizar artilharia, cavalaria ou infantaria nos combates? Vamos atacar de que maneira? Por onde?

Como sinalizado por Paula (2021) “a tática consiste na formulação racional de formas de organização e de realização dos combates- das batalhas isoladamente” (PAULA, 2021, p.42). O exército, então, deve estar preparado para atacar o adversário e assim alcançar o mais rápido possível ao objetivo da guerra. Concordamos com a autora que a essa ação imediata, essa manobra de guerra constitui a tática (PAULA, 2021).

As estratégias respondem às seguintes perguntas: O que? Quando? Onde? As respostas a estas indagações compõem o plano estratégico. Uma medida estratégica contém intencionalidade. Já as táticas são decisões em torno da forma, da maneira como as forças serão usadas e com quais instrumentos. Conforme Paula (2021), “a estratégia organiza as táticas à luz de um objetivo final” (PAULA, 2021, p. 43). A guerra não se configura em um único momento específico. Ela é constituída de diversos combates, reencontros. E as estratégias não podem ser pensadas exclusivamente para os momentos de combate. Bogo (2008) ressalta como parte do plano estratégico os suprimentos para o exército, hospitais para os feridos. Sendo assim, a subsistência da tropa compõe também a estratégia. Já o uso, a distribuição das tropas, compõe as táticas.

De acordo com Bogo (2008)

para a estratégia, a vitória, ou seja, o sucesso tático é primeiramente um meio e aquilo que leva diretamente à paz é o seu objetivo final. A aplicação desses métodos ao objetivo é do mesmo modo, pensada de acordo com circunstâncias que possuem maior ou menor influência sobre ele (BOGO, 2008, p.107).

Isso quer dizer que a vitória supõe sucesso tático, e que o objetivo está ligado à estratégia. Ou seja, antes de direcionarmos nossa atenção à estratégia e tática, devemos já ter traçado um objetivo. A estratégia e a tática são as mediações que nos levarão a alcançar o objetivo. Sendo assim, primeiro nossa ação deve ser direcionada a um objetivo. Após tecê-lo, elaboramos a estratégia que vai nos guiar a alcançá-lo. E somente após pensarmos a estratégia que vamos elaborar as ações táticas para alcançar ao objetivo almejado. Porém não podemos ser inocentes em considerarmos que traçados estratégia e táticas e definido o objetivo da ação alcançaremos tal objetivo.

Conforme Paula (2021), as estratégias e táticas podem melhor direcionar nossas ações à realização do objetivo traçado, mas de modo algum asseguram que vamos conquistar tal objetivo.

Partimos da ideia de que estratégias e táticas não devem ser tomadas enquanto um manual prescritivo de inúmeras ações. Devem, então, oferecer possibilidades de construção, reflexão que partam da realidade, da conjuntura vivenciada, que somente o método crítico-dialético é capaz de oferecer.

Mas não podemos nos esquecer que queremos chegar nas estratégias e táticas do Serviço Social na saúde e demonstrar que sua ação prática – muitas vezes irrefletida – tem bases em pensadores diversos e distantes do pensamento de Marx. Mesmo que de forma imediata e também irrefletida, muitos assistentes sociais se entendem como marxistas - apesar desta afirmação ainda se configurar como uma hipótese a ser confirmada! Portanto, devemos buscar as bases do pensamento de outros autores – principalmente na saúde – que influenciam o Serviço Social (principalmente no seu fazer prático) e também – para fins deste trabalho – demonstrar que estes autores possuem raízes no pensamento de Michel Foucault.

2. Estratégias e táticas conservadoras no Serviço Social- o debate teórico-metodológico em Faleiros iluminado por Foucault

Neste item refletimos sobre o debate teórico-metodológico acerca das estratégias e táticas do Serviço Social tendo por base as reflexões construídas por Paula (2014) em sua tese de doutoramento intitulada: *Um debate sobre estratégias e táticas- problematizações no campo do Serviço Social*.

Em sua tese a autora aponta a existência de dois campos onde estão centradas as discussões sobre estratégias e táticas no Serviço Social, mas neste artigo apenas deteremos nossas discussões ao campo conservador (PAULA, 2014). Tal campo tem como sua principal expressão o autor Vicente de Paula Faleiros, cuja obra, onde problematiza a temática, tem como título: *Estratégias em Serviço Social*. Nesta obra o debate é realizado tendo como centralidade a defesa do *empowerment*. O *empowerment* tomado pelo autor como objeto do Serviço Social. Segundo Paula (2014), *empowerment* exige dos assistentes sociais a construção de estratégias que articulem

novas relações entre os próprios sujeitos e entre eles e a estrutura para daí serem suscitadas transformações nas situações e demandas apresentadas.

No primeiro campo a temática de estratégia e táticas é construída em articulação ao conceito de *empowerment*, como exposto anteriormente. Mas antes de problematizarmos estas estratégias, importa ressaltar que Faleiros defende que o assistente social não detém poder global que possa propiciar mudanças na estrutura que conforma as políticas e os serviços (PAULA, 2014). Por este motivo, muitos assistentes sociais acreditam que o objetivo do seu fazer profissional é oferecer acolhimento, que podemos chamar aqui de, psicossocial, psico-emocional, como uma possibilidade de alavancar alterações nos sujeitos no sentido de que eles próprios consigam superar sua condição de aviltamento. A proximidade aqui com o pensamento foucaultiano é explícita.

Em síntese encontramos em Paula (2014) quatro estratégias que os profissionais podem implementar no cotidiano das instituições defendidas por Faleiros. A primeira dela seria os profissionais se tecnicarem, para se tornar, assim, eficientes e eficazes, descolados do engajamento político. A segunda estratégia seria negar o trabalho institucional na perspectiva de que os sujeitos encontrassem respostas às suas demandas em alternativas particulares. A terceira seria contra institucional “onde a ordem, disciplina e a hierarquia fossem colocados de lado” (PAULA, 2014, p.377). E a quarta e última estratégia é a proposta de alianças entre os sujeitos, entre eles e os profissionais e entre os profissionais em si.

Conforme Paula (2014) a formação de alianças proposta por Faleiros seria interessante se não estivesse localizada na base de sua “teoria do fortalecimento”. Faleiros, então, defende que os assistentes sociais fortaleceriam os usuários de modo que não serviriam exclusivamente às estratégias dominantes (PAULA, 2014). Podemos inferir, então, que Faleiros aposta na mudança do indivíduo e não da estrutura. Os indivíduos, para o autor, são os únicos responsáveis pelas suas condições materiais de vida e por este motivo depende exclusivamente deles a superação de tais condições.

Outro elemento equivocado que Paula (2014) aponta em Faleiros está relacionado à afirmação de Faleiros de que as forças populares podem fazer o inimigo recuar à curto prazo. Tal afirmação está equivocada porque a força popular pode ou não fazer o inimigo recuar a depender do momento histórico vivenciado. O autor apenas

superestima as forças populares e esquece da dimensão histórica.

De acordo com Paula (2014), Faleiros também incorre no messianismo ao acreditar que a intervenção dos assistentes sociais seja capaz de alterar a dinâmica da correlação de forças dentro e fora das instituições. A autora reconhece que o fazer profissional dos assistentes sociais interfere nos modos de agir, pensar, mas essa influência do exercício profissional sobre a realidade vivida pelos usuários e suas famílias é superestimada em Faleiros (PAULA, 2014). O autor não identifica como cerne do aviltamento as estruturas sociais capitalistas e segue identificando que os sujeitos são os responsáveis pela superações dessa condição. Por este motivo que Faleiros defende o *empowerment* como estratégia profissional. Através desta estratégia os profissionais fortalecem os sujeitos para que eles possam “realizar mudanças comportamentais que os levem a uma mudança de suas trajetórias de vida” (Paula, p.390, 2014). Para Faleiros empoderar significa fortalecer o poder dos usuários. Assim, para o autor, o assistente social construiria estratégias de fortalecimento dos seus usuários, não servindo, desta forma, apenas às estratégias dominantes (PAULA, 2014).

A estratégia do *empowerment* exige, desta forma, que o sujeito busque

o que ele quer e pode construir a partir de forças de que dispõe, através da construção de apoios mobilizáveis na conjuntura, em confronto com as oportunidades e forças que o fragilizam (FALEIROS, 1997, p. 59) apud in (PAULA, 2018, p. 213).

Assim Faleiros defende que é o próprio indivíduo o responsável por superar suas fragilidades e que através do fortalecimento de seu poder os mesmos seriam capazes de conseguir tal superação. Desta forma, a intervenção do assistente social estaria focada no indivíduo, no fortalecimento de sua autonomia e na construção de uma identidade própria (PAULA, 2014). Os assistentes sociais devem, portanto, concentrar seu fazer na mudança dos comportamentos dos sujeitos, pois para Faleiros, é a partir dessas mudanças que se operam alterações nas estruturas sociais.

Conforme nos informa Paula (2014) o que em síntese encontramos em Faleiros é uma proposta de orientação teórico-prática para o Serviço Social. O autor defende uma determinada compreensão de Serviço Social e a partir dela reflete propostas teórico-práticas para o fazer profissional. A ausência de um debate aprofundado na perspectiva marxiana pode assim levar muitos assistentes sociais a construir estratégias e táticas fundadas em autores como Michel Foucault – com traços

significativos como vimos na obra de Faleiros –fazendo avançar assim o lastro conservador ainda tão presente na nossa profissão. A tese de Paula (2014) nos leva a um novo patamar na história do Serviço Social.

3. Expressões conservadoras de estratégias e táticas no Serviço Social no espaço sócio-ocupacional da Saúde

Diante do exposto acima precisamos ressaltar, então, que o Serviço Social não é uma ilha. Se a influência de autores como Foucault, Nietzsche e Bourdieu se faz presente em diversos campos das ciências humanas, o Serviço Social não é alheio à tal influência. Além disso, a profissão é atravessada pelas mudanças operadas na sociedade capitalista. Concordamos com Yamamoto e Yasbek (2019) que tais mudanças vêm alterando as requisições colocadas ao Serviço Social, sua inserção no trabalho coletivo, os recursos disponíveis, dentre outras. Na atualidade, o capitalismo vem expressando sua face conservadora, onde há o esforço de substituir a universalidade por análises micro-focais. As causalidades não são consideradas, os fenômenos são tomados não em sua essência, mas de forma fragmentada, singular e individualista. Assim, o pensamento conservador se configura como uma estratégia capitalista de difusão da ideologia dominante e manutenção da ordem social hegemônica (PAULA, 2014) mesmo quando esse pensamento se apresenta enquanto crítico a própria sociedade capitalista e alguns traços de sua sociabilidade tal como aparece em diversos momentos em obras de Foucault, Adorno, Bourdieu, entre outros. E o Serviço Social permanece sendo requisitado enquanto uma profissão para propiciar o controle social e o amansamento dos indivíduos à ordem – e, mesmo sem muitas vezes saber, os assistentes sociais os fazem!

Em tempos da pandemia pelo vírus Covid-19, assistimos, no Serviço Social na saúde, à retomada do conservadorismo, mas sob uma nova roupagem que tem se expressado, por exemplo, na requisição de que os assistentes sociais ofereçam apoio terapêutico aos usuários dos serviços, que ofereçam conforto emocional na comunicação do óbito. Essas requisições se articulam com a prática do Serviço Social Clínico, que defende que a intervenção profissional deve fortalecer de maneira psicossocial os usuários a partir de um tratamento social (PAULA, 2014). É evidente

que o sofrimento psíquico dos usuários podem ser agravados em virtude das múltiplas expressões da questão social que os sujeitos vivenciam. Portanto não se trata de negar o impacto que tal objetividade infere à subjetividade, entretanto, a subjetividade é o objeto de trabalho da psicologia e não do serviço social³. Cabe ressaltar que existem muitos assistentes sociais que defendem as práticas clínicas enquanto uma área de atuação do Serviço Social e, este fato, demonstra que o conservadorismo vem ganhando adeptos na categoria profissional. São eles, assistentes sociais, que tomam o “psicossocial” enquanto objeto de trabalho, e não como uma área de atuação e acabam por psicologizar as expressões da questão social, oferecendo “tratamento social” as mesmas. E aqui reside a influência de pensadores como Foucault. Esses profissionais operacionalizam como estratégias de atendimento, aos usuários e suas famílias, as terapias comunitárias, as terapias de família, visando ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, visando ao empoderamento.

Em linhas gerais, as intervenções pautadas na prática clínica resgatam a individualidade exarcebada pelo capitalismo. Tal prática reitera ações praticadas no passado pelos assistentes sociais na saúde: ações que objetivam o ajustamento dos sujeitos, que colocam neles a possibilidade de, individualmente, superar as condições que geram seu aviltamento, ações que buscam remover o que “bloqueia” o desenvolvimento pessoal, que buscam trabalhar as potencialidades dos sujeitos a partir do seu empoderamento. Ações que maquam a raiz da pobreza e da miséria na sociedade capitalista e camuflam a relação de exploração (VASCONCELOS, 2015).

Ainda no rol das práticas clínicas, temos outra requisição institucional que nos tem chamado atenção em tempos de pandemia: a mediação de conflitos. Esta que sempre acontece de forma a dar recomendações as partes envolvidas e apoiá-las, como se os assistentes sociais tivessem um aporte técnico-operativo ou teórico-metodológico próprio para solucionar essas questões. Ainda nesse “âmbito familiar”, os assistentes sociais tem sido requisitados também para comunicar altas, óbitos, transferências, a entrar em contato com os familiares para requisitar documento, exames anteriores, entre outros. O Serviço Social é entendido enquanto a profissão que cuida da família e não por acaso essas atividades são demandadas aos assistentes sociais, que ainda são

³ Importa destacar que o conjunto CFESS/CRESS tem publicações e normativas que vedam a prática do Serviço Social Clínico. Para aprofundamento quanto à temática, verificar o site do CFESS.

encarados como moças boazinhas, recatadas, educadas, que sabem falar e tratar as famílias. Os contatos com as famílias devem ser realizados por aqueles que desejam que tal contato seja realizado, afinal, são eles que conhecem o motivo de tal solicitação. A comunicação de óbito deve ser realizada por quem tem competência técnica para explicar a causa-morte, ou seja, o médico. O assistente social tem importante e delimitado papel nas situações de óbito, que tem a ver com as orientações sobre o acesso aos benefícios assistenciais, previdenciários, conforme resolução 03/2020 publicada pelo CFESS.

Outro autor com forte influência na área de saúde e que começa a aparecer em discussões no Serviço Social brasileiro é Emerson Mehry onde também podemos com certa facilidade encontrar traços característicos do pensamento foucaltiano. Vejamos duas passagens de um artigo do autor:

Qualquer abordagem assistencial de um trabalhador de saúde junto a um usuário-paciente, produz-se através de um trabalho vivo em ato, em um processo de relações, isto é, há um encontro entre duas “pessoas”, que atuam uma sobre a outra, e no qual opera um jogo de expectativas e produções, criando-se inter-subjetivamente alguns momentos interessantes, como os seguintes: momentos de falas, escutas e interpretações, no qual há a produção de uma acolhida ou não das intenções que estas pessoas colocam neste encontro; momentos de cumplicidades, nos quais há a produção de uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado; momentos de confiabilidade e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação. Diante desta complexa configuração tecnológica do trabalho em saúde, advogamos a noção de que só uma conformação adequada da relação entre os três tipos é que pode produzir qualidade no sistema, expressa em termos de resultados, como: maior defesa possível da vida do usuário, maior controle dos seus riscos de adoecer ou agravar seu problema, e desenvolvimento de ações que permitam a produção de um maior grau de autonomia da relação do usuário no seu modo de estar no mundo. (MEHRY, 1999, p.3)

Procurando criar nos trabalhadores, através do uso de dispositivos interrogadores, a possibilidade de refletirem sobre duas questões chave para a configuração de qualquer modelo de atenção preocupado centralmente com o usuário: Uma, que diz respeito ao modo como se usa privadamente - com um compromisso com o coletivo de forma restritiva e com uma maneira de se responsabilizar e prestar contas do que se faz dentro de limites do tipo corporativo - a capacidade e autonomia que todo trabalhador de saúde tem de “autogovernar” o seu trabalho, por ser como trabalhador em ação o próprio trabalho vivo em ato. E, neste sentido podendo-se interrogar a essência do modo como vem se instituindo a gestão do processo de trabalho, e a que interesses e intencionalidades ele obedece; e, outra, que coloca em dúvida o sentido dos modelos instituídos capturadores, seus conteúdos tecnológicos e possibilidades, abrindo a chance de pensar sobre seus pressupostos ético-políticos, e sobre os procedimentos eficazes na produção

dos resultados pretendidos, com a captura que fazem do trabalho vivo em ato; abrindo dúvidas quanto aos paradigmas perseguidos, permitindo interrogar mais sistematicamente os modelos que têm servido como predominantes e seus possíveis limites no modo como o trabalho vivo vem se conformando no seu interior. Com estas descrições o que temos interrogado e levado a campo é a relação entre o trabalho vivo em ato que é capturado por estes modelos e a possibilidade de que o mesmo seja desterritorializado e (ré)capturado para gerar o oposto, isto é, um melhor equacionamento do uso dos meios e dos benefícios produzidos e uma diminuição da dependência, gerando-se maior autonomia dos "usuários" nos seus modos de andar as suas vidas. (MEHRY, 1999, p.18)

Na primeira passagem podemos observar novamente o objetivo-fim de empoderamento do indivíduo com “a produção de um maior grau de autonomia da relação do usuário no seu modo de estar no mundo”. E na segunda passagem podemos também perceber uma crítica às estruturas de poder além novamente do descentramento deste poder aos indivíduos empoderados. Na segunda passagem também fica evidente a desresponsabilização das instituições no sentido de que ao equacionar os benefícios é produzida uma diminuição da dependência, gerando uma maior autonomia na vida dos usuários. Pensemos aqui para além do campo da saúde como isso adentra no universo profissional: Um assistente social que trabalha em um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), equipamento da Política de Assistência Social, com dispensação de cestas básicas. O CRAS recebeu 100 cestas, mas há uma fila de 500 famílias cadastradas para receber as cestas básicas. O assistente social não tem um “fomômero”, mas tem que escolher quais famílias serão beneficiadas. E aquelas que não receberão as cestas, o assistente social é chamado a trabalhar a autonomia das mesmas. E o pior é que muitos profissionais acreditam que é inserindo essas famílias nos programas de geração de renda: curso de manicure, tricot, crochê, que elas conseguirão superar seu aviltamento, porque, afinal, a autonomia delas está em desenvolvimento. Foucault novamente se faz presente!

Foucault é muito presente nos debates e discussões da área de saúde. A discussão da humanização, das tecnologias leves, dos projetos singulares terapêuticos, do empoderamento do indivíduo, entre outras, são quase que em sua totalidade desconectados de características objetivas que interferem em todos esses processos. O modo de produção capitalista é questionado não pela sua característica de exploração e valorização do valor, mas sim pelas suas estruturas de poder que tiram do indivíduo sua autonomia diante do mundo.

O subjetivo vem na frente, o objetivo não deixa de ser importante, mas está dado e não se têm o que fazer. A dialética se esvai. O fim da história só nos apresenta uma alternativa: Salve-se quem puder! E por isso um trabalho mais voltado aos indivíduos e suas estratégias personalísticas diante deste mundo ganha adeptos.

Considerações Finais

Foucault, Nietzsche, Bourdieu, entre outros autores, são cativantes em seu discurso anti-sistema. A influência destes autores nas ciências humanas, filosofia e ciências sociais aplicadas – tal como o Serviço Social – são extremamente densas seja de forma direta ou indireta. Apesar de parte das suas narrativas apresentarem críticas duras e corretas à sociabilidade do capital, sua maior preocupação não reside em si na objetividade que conforma e molda tal sociedade. Como a realidade caótica, para esses autores, é impossível de compreensão, seus ataques são direcionados a tudo e a todos e, sobretudo, à razão!

Ao rechaçar a modernidade atacam não só a razão desta modernidade, mas a razão em si. Com seu desapego pela história e o tratamento desta como algo descontínuo desconsideram todos os progressos humanitários. Só há um objetivo: É necessário desconstruir e combater o discurso e todas as formas de poder. E como o poder adentrou todos os poros de nossa sociedade a única luta possível é uma luta subjetiva! Uma luta de nós contra nós mesmos na tentativa de não nos assujeitarmos diante desse poder que adentra os nossos corpos e nos fazem interiorizar as suas normas, O que fazer? Refundar nossa subjetividade.

Essa filosofia à marteladas, anti-dialética, com profundo desapego à história, irracionalista e, portanto, perigosa, se camufla e aparece travestida de pensamento crítico e, por vezes, até se proclama marxista! E aqui, suspeito que estamos no interior do Serviço Social de hoje que é hegemonicamente marxista até amanhã. Sendo sorrateiramente influenciados por esse pensamento não são poucos os assistentes sociais que, ali no seu cotidiano profissional, e longe dos olhares críticos da academia, se deixam levar pela sua “verdadeira paixão” e implementam estratégias que em nada se vinculam à dimensão teórico-metodológica ancorada na perspectiva marxista e reforçam no cotidiano de trabalho práticas conservadoras.

Portanto, estamos diante de um cenário – ou na verdade sempre estivemos – de que precisamos enxergar se, de fato, no seu plano operacional, na sua dimensão técnico-operativa, os assistentes sociais se utilizam de estratégias e táticas vinculadas ao seu arsenal teórico ofertado na sua formação – aí sim com bases marxistas (não vou entrar aqui em uma análise qualitativa desse marxismo) –, ou, se está se valendo de outras influências teóricas – mesmo que não saibam conscientemente dessas influências. Qual é a perspectiva teórica hegemônica que está sedimentada no fazer profissional então? Aqui está uma caixa de pandora do Serviço Social que muitos insistem em abafar!

Referências

BOGO, A. **A Teoria da Organização Política III. Escritos de Sun Tzu, Maquiavel, Clausewitz, Trotsky, Giap, Fidel Castro, Carlos Fonseca e Florestan Fernandes**. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CLAUSEWITZ, C. V. **A arte e os Princípios da Guerra**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

IAMAMOTO, M. **Serviço social em tempo de capital fetiche. Capital financeiro, trabalho e questão social**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Os desafios da profissão de Serviço Social no atual contexto de retrocessos das conquistas da classe trabalhadora**. CFESS, 2021.

IAMAMOTO, M., e YAZBEK, M. C. **Serviço Social na História – América Latina, África e Europa**. São Paulo: Cortez, 2019.

MEHRY, E. **O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde?** Campinas 2009. Disponível em <https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/territorio/o-ato-de-cuidar.pdf>.

PAULA, L. G. P. **Estratégias e Táticas. Reflexões no campo do Serviço Social**. 2ª Edição. Curitiba: Editora CRV, 2021.

_____. **Um debate sobre estratégias e táticas- problematizações no campo do Serviço Social**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Serviço Social, 2014.

RAICHELIS, R. D. **Serviço Social, trabalho e profissão no capitalismo contemporâneo.** In: RAICHELIS, R. D.; VICENTE, D. P. (Org.); ALBUQUERQUE, V. O. (Org). **A nova morfologia do trabalho no Serviço Social.** São Paulo: Cortez Editora, 2018; pgs. 25-65.

VASCONCELOS, A. M. **A/o Assistente Social na luta de classes. Projeto Profissional e Mediações Teórico-Práticas.** 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2015.